

# A cruz e a crítica

Alfred J. Poirier

DIA 28 DE JANEIRO DE 1986, A ESPAÇONAVE CHALLENGER e sua tripulação embarcaram numa missão para ampliar os horizontes educacionais e promover o avanço do conhecimento científico. O objetivo mais impressionante da missão da Challenger 51-L era a ministração de aulas a partir do espaço pela professora Christa McAuliffe. Uma aula foi de fato transmitida, mas não a que se esperava.

Apenas 75 segundos após a largada, dá-se a tragédia. Diante de telespectadores do mundo todo, a espaçonave de repente explode, desintegrando a cabine juntamente com a tripulação. Os destroços de metal, sangue e ossos é lançado ferozmente contra a terra, junto com a glória da nação americana.

O que dera errado? Essa era a pergunta que todos faziam e não podia calar. Enquanto equipes de exploradores examinaram os destroços da aeronave, a causa específica foi logo encontrada. O problema residia nos anéis-O (lacres circulares de borracha), que tinham sido projetados para se encaixar ajustadamente nas conexões das partes do motor de arranque. Evidentemente, os anéis-O tinham se tornado defeituosos sob condições adversas, e a falha mecânica decorrente conduziu à tragédia. Mas essa foi toda a história?

Por fim a verdade veio à tona. O *The New York Times* publicou com toda a franqueza: a causa máxima do desastre envolvendo a espaçonave foi o *orgulho*. Um grupo de gerentes de elevado escalão não quis dar ouvidos às advertências, ao conselho e às críticas oferecidos pelos subordinados que estavam preocupados com a confiabilidade operacional de certas peças do motor de arranque sob condições anormais de desgaste. Basta você pensar: *ter dado ouvidos à crítica teria salvado sete vidas*.

Como pastor, líder de igreja e palestrante do Peacemaker Ministries [Ministério Pacificador], sou abençoado com a oportunidade de ministrar a pessoas e congregações em conflito. Dentre as muitas coisas que acabei por aprender, está o papel central que o ato de dar e receber crítica desempenha num conflito intenso. Mais que isso, porém, aprendi que o remédio maravilhosamente providenciado por Deus requer de nós que retornemos à cruz de Cristo. Para nossos propósitos aqui, quero que examinemos o problema de *aceitar* a crítica.

## A dinâmica de se defender contra a crítica

Antes de tudo, deixe-me definir o que quero dizer com crítica. Estou usando crítica em sentido mais amplo, como *qualquer juízo feito sobre você por outra pessoa que declare que você não atingiu determinado padrão*. O padrão pode ser de Deus ou do homem. O juízo pode ser verdadeiro ou falso. Pode ser dado educadamente, com o objetivo de corrigir, ou asperamente e de um modo condenatório. Pode ser dado por um amigo ou por um inimigo. Qualquer que

seja o caso, porém, é um juízo ou crítica sobre você, segundo o qual ou a qual você não atingiu determinado padrão.

Como quer que ela nos chegue, a maioria de nós concordará que não é fácil de aceitar a crítica. Quem de nós não conhece alguém com quem precisamos tomar cuidado especial em nossos comentários para que essa pessoa não exploda em reação a nossas correções e sugestões? Infelizmente, como viajo pelos Estados Unidos como um todo, sempre ouço a história de que muitas pessoas jamais ousariam confrontar ou criticar seu pastor ou líder por medo da retaliação. Muitos simplesmente procuram outra organização em que possam trabalhar ou outra igreja a que possam freqüentar.

Aliás, você não ouviu falar de líderes que escolhem para cercá-los aquelas pessoas que “pegam mais leve com eles”? Quantas vezes você foi advertido de “pisar em ovos” com determinada pessoa?

Por mais triste que seja um comentário como esse, essas pessoas não são muito diferentes de mim. Eu também não gosto de crítica. Qualquer crítica me é difícil de aceitar. Eu preferiria mil vez ser elogiado a ser corrigido, exaltado a ser repreendido. Preferiria julgar a ser julgado! E não me parece que estou sozinho nisso. Quanto mais escuto as pessoas, mais ouço a dinâmica da defesa contra a crítica. No aconselhamento, observo até com certo divertimento os casais desviarem do ponto central para debater quem disse o quê, quando e onde. Ou quando as pessoas, ao contar uma história, ficam voltando para se lembrar se foi terça ou quarta que fizeram determinada coisa.

Por que gastamos tanto tempo e energia patrulhando essas moscas com marreta? Por que nossos corações e mentes se engajam tão instantaneamente e nossas emoções irrompem com tanto vigor em defesa de nós mesmos? A resposta é simples. Essas questões não são de menor monta ou insignificantes. Defendemos aquilo que para nós tem muito valor. Pensamos que é nossa *vida* que estamos salvando. Cremos que algo muito maior será perdido se não usarmos todos os nossos meios para recuperá-lo. *Nosso nome, nossa reputação, nossa honra, nossa glória.* “Se eu não deixar claro que eu fui mal-interpretado, citado sem exatidão ou falsamente acusado, então os outros não vão saber que eu estou certo. E se eu não deixar claro que eu estou certo, ninguém vai fazer isso por mim. Eu serei alvo de chacota e de condenação aos olhos dos outros.”

Você percebe aqui o ídolo do *eu*? O desejo de autojustificação? Mas os ídolos têm pernas. Por causa desse profundo desejo idólatra de autojustificação, a tragédia da nave espacial é reencenada vez após vez nos nossos relacionamentos. Ela destrói nossa capacidade de ouvir e aprender, e nos conduz às discussões.

Assim, por amor ao nosso orgulho e tolice, escolhemos sofrer a perda de amigos, cônjuge ou queridos. Parte dessa destruição se dá em forma de uma frágil trégua. Toleramos uma guerra fria. Fazemos as pazes falsamente. Imploramos que as pessoas somente toquem em assuntos de pouca significância para a melhoria da nossa alma. Espalhamos minas no território e desafiamos o outro que explodiremos em ira se ele simplesmente levantar o assunto proibido do meu erro, do meu equívoco ou do meu pecado.

É assim que igrejas se dividem e facções se desenvolvem. Nós nos cercamos com homens “amém” — pessoas decididas a jamais nos desafiar, nos aconselhar ou nos criticar. No entanto, enquanto buscamos nos defender contra as críticas, encontramos as Escrituras ensinando algo diferente.

## O elogio da crítica

A capacidade de ouvir a correção ou a crítica e atentar para ela é exaltada na Escritura, sobretudo em Provérbios. Ser ensinável, capaz e desejoso de receber correção é a marca do sábio. E o pai ou mãe sábio encorajará essa atitude em seus filhos e filhas, além de a modelar.

O caminho do insensato parece-lhe justo, mas o sábio *ouve os conselhos*. (Pv 12.15).

O orgulho só gera discussões, mas a sabedoria está com os que *tomam conselho* (Pv 13.10).

A repreensão *faz marca mais profunda* no homem de entendimento do que cem açoitos no tolo (Pv 17.10).

Não somente a capacidade de tomar conselho, correção e repreensão é considerada a *marca* do sábio, mas também a incapacidade de fazer tais coisas é considerada a *marca* do tolo. Mas tanto o sábio quanto o tolo *colhem* de acordo com a capacidade deles de aceitar a crítica:

Quem zomba da instrução *pagará por ela*, mas aquele que respeita o mandamento *será recompensado* (Pv 13.13).

Instrua o homem sábio, e *ele será ainda mais sábio*; ensine o homem justo, e *ele aumentará o seu saber* (Pv 9.9).

Quem recusa a disciplina faz pouco caso de si mesmo, mas quem ouve a repreensão *obtem entendimento* (Pv 15.32).

Existe *lucro* em aceitar a crítica. Não admira que Davi exclamasse em Salmos 141.5 (RA): *fira-me o justo —isso será para mim uma benignidade; repreenda-me —isso será para mim como óleo sobre a minha cabeça*. Davi sabe o lucro que há em adquirir sabedoria, conhecimento e entendimento. Ele sabe que as repreensões são benignidade, bênção e honra. Pergunte a você mesmo: é assim que você encara uma repreensão? É assim que recebe a crítica, a correção ou o conselho? Você quer enxergá-los dessa forma?

Como partimos de uma sempre rápida defesa de nós mesmos contra toda e qualquer crítica para nos assemelharmos a Davi, que via a crítica como um ganho? A resposta é: entendendo tudo o que Deus afirma sobre nós na cruz de Cristo, além de crer nessas afirmações e as confirmar.

Paulo resumiu isso quando disse: “fui crucificado com Cristo”. O crente é aquele que se identifica com toda a afirmação e condenação de Deus na crucificação de Cristo. Na crucificação de Cristo, Deus afirma toda a verdade sobre ele mesmo: sua santidade, bondade, justiça, misericórdia e verdade conforme reveladas e demonstradas em seu Filho Jesus. De igual forma, na cruz, Deus condena a mentira: o pecado, o engano e o coração idólatra. Ele condena a minha pecaminosidade bem como meus pecados específicos. Vejamos como isso se aplica ao ato de dar e receber crítica.

**Em primeiro lugar, na cruz de Cristo, concordo com o *juízo* de Deus a meu respeito**

Vejo-me como Deus me vê: um pecador. Não há como escapar da verdade: “... Não há nenhum justo, nem um sequer...” (Rm 2.9-18). Em resposta ao meu pecado, a cruz me criticou e me julgou mais intensa, profunda, abrangente e verdadeiramente que a crítica de qualquer outra pessoa. Esse conhecimento nos permite afirmar diante de todas as demais críticas a nosso respeito: “Essa crítica é apenas uma fração da crítica suprema”.

Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei (Gl 3.10).

Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente (Tg 2.10)

Pela fé, afirmo o juízo de Deus a meu respeito, de que sou um pecador. Creio também que a resposta ao meu pecado reside na cruz.

Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive... (Gl 2.20).

Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado (Rm 6.6).

Se há alguma coisa que a cruz diga, ela fala sobre o meu pecado. A pessoa que diz “fui crucificado com Cristo” é uma pessoa bem consciente de sua pecaminosidade. Você nunca vai acertar na vida por seus esforços próprios, desacompanhados de auxílio, porque todos os que descansam na observância da lei estão debaixo de uma maldição: “Maldito *todo aquele* que não persiste em praticar *todas as coisas* escritas no livro da Lei” (Gl 3.10). Assim, a cruz não apenas nos critica ou julga; ela nos condena por não cumprirmos *todas as coisas* escritas na lei de Deus. Você crê nisso? Você sente a força dessa crítica? Você consegue mensurar a abrangência do juízo de Deus?

A pessoa crucificada também sabe que não pode se defender contra o juízo de Deus, tentando contrabalançar seu pecado com as boas obras. Pense neste fato: quem quer que guarde toda a lei e ainda assim tropece num só ponto é culpado de quebrar toda a lei (Tg 2.10). Afirmar-se cristão significa concordar com tudo o que Deus diz sobre nosso pecado. Na qualidade de “crucificados com Cristo”,

admitimos o juízo de Deus contra nós, concordando com ele e o aprovando. Não há nenhum justo, nenhum sequer (Rm 3.10).

### **Em segundo lugar, na cruz de Cristo, concordo com a *justificação* de Deus para mim**

Não somente devo concordar com o juízo de Deus na cruz de Cristo a meu respeito, como pecador, mas preciso também concordar com a justificação de Deus para mim também como pecador. Por meio do amor sacrificial de Jesus, Deus justifica ímpios (Rm 3.21-26).

A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim (Gl 2.20).

Meu objetivo é gloriar-me na justiça de Cristo, não na minha.

... ninguém será declarado justo diante dele [de Deus] baseando-se na obediência à Lei... (Rm 3.20).

... justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem... (Rm 3.22)

O orgulho gera discussões, diz Salomão. As discussões ou brigas geralmente se dão em torno de querermos saber quem está certo. As discussões surgem em nossa exigência idólatra de autojustificação. Mas não se eu estiver aplicando a cruz. Pois a cruz não penas declara o veredicto de Deus contra mim como pecador, mas sua declaração de justiça pela graça por meio da fé em Cristo. A cruz de Cristo me faz lembrar que o Filho de Deus me amou e se deu por mim. E por causa disso Deus me aceitou em Cristo completamente e para sempre. Eis como a graça opera: Cristo nos redimiou da maldição da lei tornando-se maldição por nós, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro”. Ele nos redimiu a fim de que a bênção dada a Abraão pudesse vir aos gentios por meio de Jesus Cristo, de modo que pela fé pudéssemos receber a promessa do Espírito (Gl 3.13s.).

Que firme alicerce para a alma! Agora, não pratico a autojustificação, mas me glorio — glorio-me na justiça de Cristo a meu favor.

Se você de fato leva isso a sério, todo o mundo pode se posicionar contra você, denunciá-lo ou criticá-lo, e você poderá responder: “Se Deus me justifica, quem pode me condenar? Se Deus me justifica, aceita e jamais me abandonará, então por que me sinto inseguro e temo a crítica? Cristo levou os meus pecados, e eu recebo seu Espírito. Cristo leva minha condenação, e eu recebo sua justiça”.

### **As implicações de lidarmos com a crítica**

À luz do juízo e da justificação de Deus sobre o pecador na cruz de Cristo, podemos começar a descobrir como lidar com toda e qualquer crítica. Ao concordar com a crítica de *Deus* sobre mim na cruz de Cristo, posso enfrentar

qualquer crítica que os homens possam apresentar contra mim. Em outras palavras, *ninguém pode me criticar mais que a cruz*. E a crítica mais devastadora acaba por revelar-se a mais maravilhosa misericórdia. Se você sabe que foi crucificado com Cristo, então você pode responder a qualquer crítica, mesmo a equivocada ou hostil, sem amargura, defesa ou transferência de culpa.

#### ESTENDENDO A CRÍTICA À MANEIRA DE DEUS

**Vejo meu irmão/ irmã como alguém por quem Cristo morreu (1Co 8.11).** “Seja constante o amor fraternal” (Hb 13.1).

**Aproximo-me como um igual, também um pecador.** “Que concluiremos então? Estamos em posição de vantagem? Não! [...] pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus...” (Rm 3.9,23).

**Preparo meu coração para que não fale com as motivações erradas.** “Todos os caminhos do homem lhe parecem puros, mas o SENHOR avalia o espírito” (Pv 16.2). “O justo pensa bem antes de responder, mas a boca dos ímpios jorra o mal” (Prov. 15:28). “O coração do sábio ensina a sua boca, e os seus lábios promovem a instrução” (Pv 16.23).

**Examino minha própria vida e confesso meu pecado primeiro.** “Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu? Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão” (Mt 7.3-5).

**Sou sempre paciente, ficando firme em meio à dificuldade (Ef 4.2).** “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha” (1Co 13.4).

**Meu objetivo não é condenar os pontos do debate, mas edificar por meio da crítica construtiva.** “Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem” (Ef 4.29).

**Corrijo e repreendo meu irmão com mansidão, na esperança de que Deus lhe concederá a graça de se arrepender exatamente como eu mesmo somente me arrependo por meio dessa mesma graça.** “Ao servo do Senhor não convém brigar mas, sim, ser amável para com todos, apto para ensinar, paciente. Deve corrigir com mansidão os que se lhe opõem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento, levando-os ao conhecimento da verdade... (2Tim. 2.24,25).

Tais respostas tipicamente exarcebam e intensificam o conflito e levam à ruptura de relacionamentos. Você pode aprender a ouvir a crítica como algo construtivo e não condenatório porque Deus o justificou.

**Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? (Rm 8.33,34a).**

**Fira-me o justo, será isso uma benignidade; e repreenda-me, isso será como óleo sobre a minha cabeça; não o recuse a minha cabeça... (Sl 141.5).**

Se sei que fui crucificado com Cristo, agora posso receber a crítica de outra pessoa com esta atitude: “Você não descobriu nem uma fração da minha culpa. Cristo disse mais sobre meu pecado, minhas falhas, minha rebelião e minha tolice do que qualquer pessoa possa querer me mostrar. Agradeço suas correções. São uma bênção e uma benignidade para mim. Pois, mesmo quando equivocadas ou mal colocadas, lembram-me de minhas verdadeiras falhas e pecados pelos quais meu Senhor e Salvador pagou caro quando foi à cruz por mim. Quero ouvir em que pontos suas críticas são válidas”.

A correção e o conselho que ouvimos são enviados por nosso Pai celeste. São *suas* correções, repreensões, advertências e disciplinas. Seus lembretes têm o propósito de nos humilhar e, como se arranca a erva daninha, arrancar a raiz de orgulho e substituí-la com um coração e um

estilo de vida em que se desenvolvam a sabedoria, o entendimento, a bondade e a verdade. Por exemplo, se você pode *aceitar* a crítica — seja ela justa ou injusta—, você também aprenderá a *dá-la* com intenções graciosas e resultados construtivos. Veja o quadro ao lado: “Estendendo a crítica à maneira de Deus”. Não temo a crítica do homem, pois já concordei com a crítica de Deus. E não busco em última análise a aprovação do homem, pois já ganhei pela graça a aprovação de Deus. Aliás, seu amor por mim ajuda-me a ouvir a correção e a crítica como benignidade, óleo sobre a minha cabeça, da parte do Pai que me ama e me diz: “Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor, nem se magoe com a sua repreensão, pois o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho” (Hb 12.5,6).

## Aplicando o que aprendemos

1. *Critique a si mesmo.* Como normalmente reajo à correção? Fico amuado quando criticado ou corrigido? Qual minha primeira reação quando alguém diz que estou errado? Tenho a tendência de atacar a pessoa? Rejeitar o conteúdo da crítica? Reagir em relação ao tom? Com que facilidade aceito conselho? Com que facilidade eu o busco? As pessoas conseguem se aproximar para me corrigir? Sou ensinável? Abrigo a ira contra a pessoa que me critica? Imediatamente busco me defender, desfilando meus atos de justiça e opiniões pessoais a fim de me defender e mostrar minha correção? Minha esposa ou esposo, meus pais, meus filhos, meus irmãos, irmãs ou amigos conseguem me corrigir?

2. *Peça ao Senhor que lhe dê o desejo de ser sábio e não tolo.* Use Provérbios para ensinar a você mesmo a benignidade que decorre de estar disposto e ser capaz de receber a crítica, o conselho, a repreensão, a orientação, a correção. Medite nas passagens dadas acima: Provérbios 9.9; 12.15; 13.10,13; 15.32; 17.10; Salmos 141.5.

3. *Foque-se em sua crucificação com Cristo.* Embora eu possa dizer que tenho fé em Cristo e mesmo dizer com Paulo —“fui crucificado com Cristo”—, ainda assim me acho não vivendo à luz da cruz. Então me desafio com duas perguntas. Primeira: se sempre me encolho sob a crítica dos outros, como posso dizer que entendo a crítica da cruz e concordo com ela? Segunda: se sempre me justifico, como posso dizer que conheço e amo a justificação de Deus para mim por meio da cruz de Cristo, apegando-me a ela? Isso me faz de novo contemplar o juízo e a justificação do pecador na cruz de Cristo. Ao meditar no que Deus fez em Cristo por mim, sinto-me determinado a afirmar tudo o que Deus afirmou a meu respeito na cruz de Cristo, com quem também fui crucificado, e concordar com essa afirmação divina.

4. *Aprenda a falar às pessoas palavras que as nutram.* Quero *receber* crítica como pecador que vive dentro dos limites da misericórdia de Jesus, então como posso *dar* crítica de modo que comunique misericórdia às pessoas? Uma crítica exata e equilibrada, dada com misericórdia, é mais fácil de ouvir — e mesmo contra esse tipo de crítica meu orgulho ainda se rebela. A crítica injusta e a crítica severa (seja ela justa ou injusta) é sem dúvida difícil de ouvir. Qual a

**melhor forma de eu dar uma crítica precisa e justa, bem temperada com misericórdia e afirmação?**

**Minha oração é que, em sua luta contra o pecado da autojustificação, você possa aprofundar seu amor para a glória de Deus conforme revelado no evangelho de seu Filho, e que seja mais sábio pela fé.**

**Alfred J. Poirier pastoreia Rocky Mountain Community Church [Igreja de Rocky Mountain], além de servir como professor-adjunto do Peacemaker Ministries em questões envolvendo aconselhamento e mediação em conflitos. Fez seu mestrado em aconselhamento no Westminster Theological Seminary, em Glenside, PA. Traduzido por Fabiani Medeiros em 2006. Uso restrito não visando à comercialização.**